

Mudança nos fundos

VICENTE NUNES

ENVIADO ESPECIAL

Campos do Jordão (SP) — Os fundos de investimentos de renda fixa, nos quais está depositada a maior parte da poupança da classe média, vão passar por grandes transformações com a queda das taxas de juros. Em vez de concentrarem suas carteiras em títulos públicos, terão de diversificar o patrimônio para se manterem competitivos frente à caderneta de poupança e os certificados de depósito bancário (CBDs), títulos usados pelos bancos para captar recursos juntos aos aplicadores. As mudanças nos fundos, segundo o economista Gustavo Franco, ex-presidente do Banco Central, serão aceleradas a partir do próximo ano, quando a taxa básica da economia (Selic) deverá romper a fronteira de 10% ao ano.

“As mudanças que estão por vir serão quase tão profundas quanto as que aconteceram na segunda metade dos anos 1990, quando acabou a receita inflacionária e vários bancos desapareceram”, afirmou Franco, durante participação no 3º Congresso Internacional de Derivativos e Mercado Financeiro. “Com a Selic abaixo de 10%, a rentabilidade dos fundos de renda fixa será menor. Como os seus ganhos são tributados e há taxas de administração, mesmo que a caderneta renda apenas 6% ao ano, ela pagará mais do que os fundos”, previu.

Na opinião do ex-presidente do BC, para que os fundos não vejam seus mais de R\$ 1 trilhão em patrimônio migrarem para outros investimentos, os administradores terão que buscar alternativas mais rentáveis, como imóveis, ações e papéis de empresas privadas. “A mudança atingirá inclusive os investidores, que terão de abrir mão da rentabilidade diária, já que os investimentos serão de prazos mais longos”, afirmou.

Concentração maior

Também para os bancos, o impacto será grande. Como estão estruturados, os fundos apareceram em uma contabilidade separada. Não exigem, portanto, contrapartida de capital como segurança nas operações. Assim que os recursos saírem dos fundos e entrarem em contas correntes ou em investimentos que necessitam de contrapartidas, os bancos terão custos maiores para se adequarem às exigências do Banco Central. Ou seja, perderão parte das receitas.

“O rearranjo já era esperado, devido ao significativo processo de queda dos juros”, ressaltou Alfredo Moraes, presidente da Associação Nacional das Instituições do Mercado Aberto (Andima). Na sua avaliação, para se adaptarem, os bancos terão de ganhar na quantidade de clientes e reduzir custos, restringindo o atendimento nas agências.

Para Moraes, no caso dos três maiores bancos do país — Banco do Brasil, Bradesco e Itaú — que detêm mais de 50% dos fundos de investimentos, a escala é suficiente para absorver perdas de receitas. A queda dos juros terá mais impacto nos bancos de médio para grande porte. “Em algum momento, alguns deles terão de se juntar”, assinalou.

O REPÓRTER VIAJOU A

CONVITE DA BM&F